



ctt correios

TAXA PAGA
PORTUGAL

CONTRATO: 536425

CORREIO
EDITORIAL

AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL

PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL

DE00602013CE



Quinzenário • 8 de Fevereiro de 2014 • Ano LXX • N.º 1824 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Hábitos

CONTINUAMOS a necessitar deles bons. Os hábitos impõem-se-nos no comum dos nossos dias. Não vale a pena olhar para eles como se nos tirassem a liberdade. Se não os enquadrámos na vida conscientemente, enraizar-se-ão nela, provavelmente, outros que nos hão-de prejudicar.

Desde o levantar, no começo de um novo dia, até ao deitar, no seu final, há rotinas que são fundamentais para a estruturação da vida. Começar um dia ao sabor da disposição do momento, é marcá-lo pela instabilidade e entregá-lo ao acaso.

Determinar os passos que temos a dar, é um exercício da vontade, que só no uso da liberdade é possível fazer. Quem não é livre não pode determinar-se. As tarefas que nos propomos fazer são, muitas vezes, rotinas do quotidiano. Ora exige-se responsabilidade e esforço para as concretizar. Os hábitos bons que conscientemente vamos adquirindo, nascem do dom da liberdade que possuímos e da responsabilidade que a nós próprios exigimos.

Educar é, também, ajudar a criar hábitos. Uma falsa ideia de liberdade e de maturidade opõem-se normalmente a quem se dá à tarefa de educar. Nestes tempos que vivemos, em que se acentuou exageradamente uma falsa e

inconsistente autonomia do indivíduo, sobrecarregou-se o esforço de quem educa e, em muitas situações, ajudou a cavar um fosso intransponível entre quem educa e aquele que é educado.

Tantas vezes se diz, e até inquéritos recentemente feitos o vêm comprovar, que as famílias estão cada vez mais alheias ao seu papel de educar os filhos; que as escolas não conseguem educar os seus alunos, no âmbito que lhes compete... Será por desinteresse ou incapacidade?! Não será antes porque o citado fosso se consolidou e quem deve educar não o pode fazer nem quem precisa de ser educado tem abertura para acolher?

A realidade mostra que desde a infância essas clivagens começam a ganhar forma e consistência. As famílias

sofrem-nas e as escolas saturam-se. As consequências estão à vista numas e noutras, com impacto na sociedade em geral, onde se geram conflitos criando marginalização e insegurança.

Seria bom que quem tem responsabilidades, em vez de acentuar os direitos dos mais jovens sem mencionar os correspondentes deveres, parecendo querer tirar dividendos pessoais do seu discurso, servisse o bem comum usando-o com verdade e justiça.

A autonomia, que é sinal de maturidade, constrói-se com direitos e deveres, na liberdade e responsabilidade. Fica mais pobre quem recebe sem dar nada em troca, quem vê satisfeitos os seus direitos sem querer cumprir, ou ser chamado a cumprir, os seus deveres. □



MALANJE

Padre Rafael

O dia da Imaculada foi escolhido para as eleições dos nossos chefes. Este ano, o chefe-maioral será o Manuel e com ele o Luís, Emiliano, Jessé, Bernardo, Jeremias e Soares. Os Rapazes, com seu voto, elegeram um chefe eminentemente pacífico e dialogante, com uma predilecção pelos «Batatinhas», pois durante os três últimos anos esteve como chefe da casa onde habitam os Rapazes com idades compreendidas entre os 8 e os 12 anos.

Despedimo-nos do Namix, que durante um ano serviu a Obra como chefe-maioral desta Casa do Gaiato de Malanje. Desde o início do seu mandato deixou patente que o amor ao trabalho é fundamental para a nossa Casa. Apostou, com força, na incorporação dos Rapazes em todas as áreas de trabalho e na corresponsabilidade no que se refere à economia e à gestão da Casa. Ficamos-lhe muito agradecidos por este ano de serviço e dedicação, onde repetidas vezes provou a sua inteireza como chefe e como gaiato. Como disse nas suas palavras de despedida: «*Aprendi que um líder não se pode deixar levar por interesses ou amiguismos. O respeito ganha-se com o exemplo*».

Já recebemos as notas dos 114 rapazes que temos em Casa. Foram nove os reprovados. Terão de esperar a decisão dos chefes, para ver como dar sequência aos seus estudos, no próximo ano.

Os cinco hectares de milho que plantámos, estão a receber, com muita alegria, estes dias de chuva. Conseguimos superar a avaria do quadro eléctrico da serra. Para

Continua na página 4

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

«*O Evangelho é anunciado aos Pobres.*»

Qual a razão porque Jesus põe os Pobres como principais receptores do Seu anúncio? Não será porque a pobreza de coração é o único estado de alma disponível para receber o Evangelho? Sem ele, é tão difícil perceber a pregação do Reino como um camelo entrar pelo furo de uma agulha.

Nem somente fazer cursos superiores — para aprender o modo de cuidar e promover os Pobres, para saber algumas regras e alguns processos de não nos deixarmos enganar ou, até mesmo, perceber melhor as situações — trará algumas vantagens. A técnica é técnica.

O Evangelho não se aprende tecnicamente, descobre-se dentro e fora de nós, se formos Pobres.

Não basta ser ordenado, bento

ou consagrado, é essencial um coração de Pobre.

Não me interessa nada saber se tal ou tal Paróquia tem ou não recursos para acudir a uma das milhentas aflições que me batem à porta. Os Pobres são comigo, isso sim, são os meus senhores; mas, antes de mim, estão os Párocos.

Fico triste quando estes me vêm afirmar não ter capacidade. Apetece-me berrar-lhes: «*Não têm é coração, não se doem!*»

Facilmente se despede um aflito com a desculpa do «*não posso*» ou «*a Paróquia não tem*».

Se fosse um familiar ou amigo, far-se-ia tudo para o socorrer, mas como é alguém que, apesar de paroquiano, está distante, torna-se fácil despedi-lo desta maneira.

A parábola do samaritano não desperta. Preferem encarnar o

papel censurado do sacerdote ou do levita. — *Passam ao largo* e... depois escrevem-me. Não a pedir ajuda para socorrer os seus pobres, mas a afirmar que não podem fazê-lo.

Bem pode o Papa Francisco pregar a proximidade, a compaixão e a ternura; bem pode, que esta gente não entende.

Têm olhos para ver e não vêem; ouvidos para ouvir e não ouvem. É a história de sempre.

Um coração de Pobre levá-los-ia até onde nascem as aflições, já que elas moram na sua Paróquia.

Se no momento é impossível, hoje há telefones e pessoas credenciadas para ir ver, examinar e trazer informação. Desta forma, viria uma carta fundamentada a recomendar.

Era um casarão novo. Palmilhóu, a pé, mais de oito quilómetros, com duas crianças

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

COM as atribulações diárias de ordem material desta Casa, na hora de escrever para O GAIATO, são elas que saltam à frente. Quanto a essas, graças a Deus que vamos arrumando o dia-a-dia, sem que chegue para mais que o imediato. Há áreas em que é preciso ter garantias antecipadas para ir em frente, e assim vamos ficando, como de há anos atrás. Apesar de várias hipóteses de investimento que nos podem abranger, nada de concreto nem previsões possíveis.

Mas aquelas dificuldades que dia-a-dia enfrentamos mesmo, sem vacilar, com ou sem tempo, vêm do mundo interior dos nossos rapazes. Não basta que os amemos como filhos e nos pareça que muitos retribuem com sinceridade. Não basta que nada lhes falte e que a sua saúde esteja sempre assegurada. Não basta que tenham os melhores professores e um ensino de referência. Que tenham bons treinadores de atletismo, por acaso estrangeiros. Não basta que tenham tudo e mais que muitas crianças. Há um ponto muito fraco no seu crescimento, que se existiu antes de entrar, é sagrado e não pode enfraquecer, é a ligação à família. Por isso, desde que aqui entre um Rapaz, se não traz referência familiar, procuramos aturadamente o elo. Por vezes, aquilo que durante tanto tempo procurámos, que é da essência individual, não chega a refazer-se por incapacidade ou rejeição de um lado ou de ambos. A tradição leva o homem a ter várias mulheres, que vai descartando com os filhos. E há muito pior. E não é possível refazer laços que nunca existiram.

Continua na página 4

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Fausto Osvaldo

POMAR — O Paulo «Mudo» e outros Rapazes andaram a plantar algumas árvores de fruto no nosso pomar e à frente da tipografia. Plantaram macieiras, ameixoeiras, tangerineiras e pessegueiros. O Meno abriu os buracos com a máquina e depois os Rapazes meteram estrume e, de seguida, plantaram as árvores. Finalmente meteram uma estaca, para que as árvores cresçam direitas.

CASA DA EIRA — O Dimas anda a preparar um espaço para recebermos as excursões que vêm visitar-nos, onde as pessoas poderão ver as coisas da nossa Obra, como por exemplo, os nossos livros, o nosso Jornal, fotografias, projecções sobre a vida do Pai Américo, etc..

CONVÍVIO — Alguns Rapazes foram conviver com os nossos Rapazes de Beire, num sábado à tarde. Fizemos um jogo de futebol e a minha equipa ganhou. Correu tudo bem. Os nossos Rapazes de Beire gostaram que nós lá tivéssemos ido jogar com eles. Foi uma tarde bem passada. □



DOUTRINA

Pai Américo

Duc in Altum

FAZ agora precisamente dez anos. Eu estava perto do meu quarto de residência, em Coimbra, quando oiço bater à porta. Era um rapaz que tinha saído de um Reformatório e andava por lá, maltratado. Fez-me as suas queixas e deu-me o nome de outros seus companheiros. Fui pessoalmente ver o sítio aonde alguns passavam as noites e inteirei-me da vida que eles levavam. O amor é solícito. Não repousei enquanto lhes não consegui casa e modo de vida; e fui viver mais eles.

DIAS depois, tomei o comboio e fui até à Arcada. Abri a porta. Era o Ministro. Disse-lhe de um Lar para os rapazes que saem dos Reformatórios. Eu levava o programa total escrito na palma da mão e foi com ela sobre o coração que comecei a desfiar na presença do Ministro. Tal como compositor que ouve e sente o seu trabalho antes de ser executado, assim eu via e sentia o futuro desenrolar da vida de comunidade dos infelizes rapazes. O Ministro passava de tanta certeza e respondeu que uma Obra assim seria realmente útil, mas impossível de realizar. «Já está, senhor Ministro. Nós já somos cinco a viver numa casa alugada.»

NÃO admira a hesitação do Ministro. É que não amam! Poucos no mundo sentem o poder e a fecundidade do amor.

A vida do Lar prossegue. Todos os anos se envia ao Ministro um relatório feito da verdade. Não se escondem as deficiências nem as deserções nem os insucessos. Chegado que foi ao décimo ano da sua existência, o Lar merecia e deu-se-lhe emancipação. Foi em Julho de 1950. Estavam os

rapazes reunidos e o Herlander também. Eu disse duas palavras alusivas ao acontecimento e a seguir disse outras tantas o Herlander.

PADRE Adriano assistia. Antes, ele mais eu, na quinta do Tojal, enquanto observávamos os frutos da terra, demos os últimos retoques no formidável caso. Herlander, com os agora seus rapazes, tomou conta. Já aqui esteve em Paço de Sousa, ébrio de alegria e de entusiasmo. Compraram galinhas para ter ovos de casa. Cultivam o quintal nas suas horas vagas. Adquiriram um porco para governo. Encontram-se felizes. Herlander abre conta na Caixa Geral de Depósitos no intuito de depositar qualquer migalha que porventura economizem, para ajudar os deles que se casam, como o próprio Herlander me informou. É um Lar cristão. É um comunismo igual ao das Catacumbas.

EMANCIPAÇÃO não significa apartamento. Padre Adriano mais eu somos do Lar. Estamos no Lar. Não botamos fora aquilo que é nosso. Então quê? Vamos acudir a outras necessidades. Eis.

NÓS sabemos que as mães costumam tirar o bico do peito aos filhos quando começam a sentir-se ocupadas. Existe dentro delas um novo ser que, sem tirar o lugar aos outros, precisa para si de cuidados especiais. Ora nós temos a fundação de um novo Lar em S. João da Madeira. Para nós, fundar quer dizer gerar. Gerar com todos os trabalhos e com todas as dores e com todo o martírio que são dados à glória das mães. Por isso emancipamos em Coimbra para mais eficazmente podermos sofrer em S. João da Madeira.

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

AGROPECUÁRIA — Continuou-se com a poda das árvores e arbustos da nossa Quinta, dentro da cerca e à volta da nossa Capela. Arranjaram-se os jardins desde o portão grande, a nascente, até à entrada antiga, a poente. Da lenha que temos no barraco, nos dias frios, vamos queimando na nossa lareira da sala de convívio (TV). Os porcos estão grandes; e precisamos de arranjar frangos para encher as capoeiras. Temos de limpar o nosso monte em Antuzede, no Alto da Picada.

CENTRO DE ESTUDO — A nossa escola, que passou a centro de estudo, dispõe de 8 armários novos para arrumar os nossos livros e material escolar. Das carteiras da nossa antiga escola, conservámos várias em duas salas: informática e biblioteca. Depois das aulas até à hora do Terço, vai-se para o estudo, onde se fazem os trabalhos de casa.

DESPORTO — Tem havido regularmente treinos desportivos, aos sábados de tarde, pelas 15:00h. No início, é a preparação física e depois um jogo de futebol entre a malta, muito renhido.

JOVENS — O grupo de jovens da paróquia de Semide veio até nossa Casa, a 26 de Janeiro, Domingo, numa tarde chuvosa. Acompanham-nos em jogos, histórias, canções e desenho. Trouxeram bens alimentares. Foram momentos bem passados, que agradecemos!

PARTILHA — Na época natalícia, vários amigos e amigas, como assinantes do nosso Jornal, alguns Padres da Diocese de Coimbra e Catequeses, entre outros, lembraram-se desta Família: por correio, *e-mail* e pessoalmente. Entre os grupos e comunidades cristãs, registamos mais: advogadas de Coimbra, amigos

da caminhada de Miranda do Corvo, de Vila Seca, de Vale do Açor e dos Baldios de Vila Nova; comunidades de Casais do Campo (S. Martinho do Bispo) e Cabeço do Moiro (Lousã); Paróquias de Maçãs de D. Maria, Condeixa-a-Nova e Condeixa-a-Velha, Pampilhosa (do Botão), Mata Mourisca, Alqueidão, Telões (Amarante), Semide, Cumieira, Fermenelos (Aveiro), Santiago da Guarda; Escolas — EB 2,3 c/ Sec. de Miranda do Corvo, do Senhor da Serra, EB1 de Semide, EB1 de Tovim, Secundária Infanta D. Maria, Jardim de Infância de Casais de S. Clemente e EB1 de Lamas; Clube de Ténis de Coimbra; clientes de agência bancária de Miranda do Corvo e Coimbra; Serviços Sociais da Universidade de Coimbra; Serviço de Otorrinolaringologia do CHUC; Grupo Nossa Senhora do Sim (Baguim do Monte); Fotógrafo Francisco Pedro. A vossa amizade e partilha ficam gravadas no nosso coração. A todos, o nosso muito e muito obrigado! □

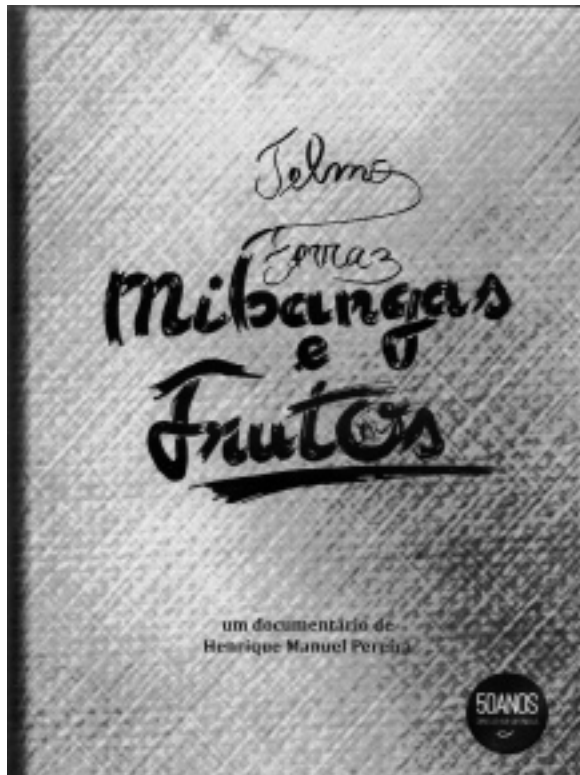
DVD SOBRE O PADRE TELMO

Mibangas e Frutos é, agora, motivo de um DVD, da autoria do Dr. Henrique Pereira. O conteúdo deste documentário, retrata o caminho do nosso Padre Telmo desde a meninice ao sacerdócio e ao encontro da Obra da Rua. É, sobretudo, um documentário testemunhal de quem privou com Padre Telmo e reteve os traços carismáticos do homem.

De Bruçó a Malanje, do teatro, em sua terra natal, a fundador da Casa do Gaiato, nos levam estes testemunhos vivos. Momentos felizes e dolorosos — como é próprio da vida — nos são narrados, para uma melhor compreensão do Padre Telmo Ferraz, em data comemorativa dos cinquenta anos da Obra da Rua em África.

Para os Amigos e Leitores que desejem recebê-lo, convém o pedido para: *Casa do Gaiato, Lugar do Mosteiro, 4560-373 Paço de Sousa*; pelo telefone 255752285; pelo e-mail: *obradarua@iol.pt* — o mesmo para quaisquer informações que julguem oportunas.

Júlio A. B. Fernandes



ERA duma vez uma data de pescadores no mar da Galileia que tinham andado toda a noite a lançar redes ao mar e elas davam à praia vazias. Oh, desolação! Oh, desânimo! Nisto aproxima-se deles Alguém que estava ali perto. Também esse Alguém andava fatigado, mas desanimado não. O desânimo é coisinha nossa. E Jesus de Nazaré aproxima-Se. Vai para juntinho dos pescadores e manda que lancem as redes ao mar: *Duc in altum*. E eles acreditaram e o milagre deu-se. As malhas das redes rebentavam pela fartura dos peixes. Mas ainda aconteceu outro milagre maior: alguns dos pescadores deixaram ficar as barcas e as redes e seguiram Jesus!

POIS saiba o mundo que todo aquele mortal que por amor de Deus deixar a barca e as redes para seguir Jesus, é, por isso mesmo, um homem naturalmente disposto e sujeito a fazer milagres. E fazem-nos.

Do livro *Doutrina*. 2.º vol.

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

CASAS DO PATRIMÓNIO DOS POBRES — No fim de semana passado fomos entregar as chaves de uma casa do Património dos Pobres à Sra. C., que vive com a filha e dois netos numa outra casa ao lado, também do Património dos Pobres. Fomos com membros da Comissão Fabriqueira, que é a entidade juridicamente proprietária das Casas e com a qual a articulação tem sido sempre perfeita.

Esta casa tinha ficado vaga há algum tempo atrás, por mudança da senhora que lá vivia para um lar de idosos. O filho desta fez as limpezas, as pinturas e outros arranjos necessários para a devolver em boas condições. Com esta mudança, a Sra. C. e a sua filha e netos vão poder viver em melhores condições do que antes, mantendo-se próximos uns dos outros, como convém, dada a saúde já debilitada da Sra. C.

No mesmo dia, fomos ver como ficou outra casa do Património dos Pobres que também agora está “livre”. Aqui a situação já é diferente. Quem lá esteve antes não a cuidou como deve ser, apesar de admoestações frequentes da nossa parte. Antes de voltar a dar uso a esta casa (a lista de pretendentes é muito comprida ...) vai ser preciso fazer obras que poderão ser relativamente caras. Vamos ver o que nos vão dizer os empreiteiros a quem vamos pedir propostas.

Para se responsabilizar mais os moradores das casas do Património dos Pobres e evitar situações em que quem para lá vai se sinta “dono” para todo o sempre das mesmas, está combinado com a Comissão Fabriqueira, a partir de agora, firmar-se um contrato de comodato entre os moradores e a Comissão Fabriqueira.

Muito gratos a todos quantos nos ajudam nesta actividade de proporcionar habitação condigna a quem não a tem, iremos dando conta do que formos fazendo com essa ajuda. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Em Nome de Jesus

NA missão de viver com Pobres e visitá-los nos seus sítios, encontram-se muitas surpresas e belezas. É aí mesmo que se escutam os seus gemidos, e os podemos consolar e ajudar a aliviar a sua cruz, promovendo-os na sua dignidade humana. Sempre em *Nome de Jesus!*

Parece que pouco mais se faz do que partilhar alimentos. Porém, são amigos que se encontram e desafiam para outras necessidades: roupa, remédios, casa... E fome de Deus! A confiança que se estabelece, em portas franqueadas e *tocas*, permite colaborar no socorro das suas angústias. Não se negligencie a meritória acção vicentina, que é uma grande escola cristã e actual, até para afugentar superficialidades.

Em dias cinzentões, andávamos mais que aflitos com as catequeses da nossa comunidade. Numa sociedade plural e em que galopeia a indiferença, é de sair sempre a semear com esperança. Todavia, para o anúncio pessoal do Evangelho, são imprescindíveis mensageiros, que não abundam, quando nos confrontamos com desertos de natais e vocacionais. Conhecer e amar Jesus de Nazaré e Cristo da fé, desde tenra idade, é essencial para se ir descobrindo o sentido da vida e do mundo.

Em *tempo comum*, naquelas insónias e em *fogo cruzado*, vieram outros apelos e atropelos. Tivemos de fazer a triagem, estabelecendo prioridades. Na dianteira, chegou a angústia de uma mãe para a medicação da sua filha, prostrada. Também à bica, uma menina de 7 anos, indocumentada, que não anda na escola. Entretanto, como a emergência da vida humana nascente (e no ocaso) tem sempre lugar de primazia no mundo dos vivos, um *foguete* levou-nos a um

bairro populoso e nebuloso, pois o Natal renova-se em cada dia. Chegados a uma viela, entrámos para um cubículo, com fenestragem cerrada. Sem pai do ninho, distante, e com carências de vária ordem, nem assim deixaram de sorrir, rasgadamente, em especial um menino, despachado, e um rebento lindo ao colo de sua mãe, pobre (rica). Nem os odores impediram o imenso privilégio daquele singular encontro.

Nesse esperançoso dia, de consolação de almas, pudemos dar três malgadas de caldo com côdeas migadas a um tal pequenino; e ficámos radiantes e pasmados com a sofreguidão e a rapadela de uma tigela. Sem respirar, foi-nos dando umas pancaditas no braço e chamou-nos: — *Quero mais...* Tem um ventre dilatado e manifesta uma saudável vontade de ajudar. Curar o seu corpo e orientá-lo no único Caminho é um itinerário extraordinário.

Porque a fonte e o cume da vida sacerdotal vem do Altar, um primeiro *baptismo* daquela criança passou também por se aproximar da Mesa do Pão dos fortes. Foi preciso travá-lo a tempo, pois não se calava: — *Eu quero...* Para querer viver com o Senhor da Vida, não há idades nem faculdades. Sem dúvida nenhuma

que Portugal é um grande País de missão e compaixão, onde o acolhimento pode marcar a diferença, numa Europa em que os crucifixos incomodam. Não vale mesmo a pena escondê-los nem apagar a Sua memória. Pelo menos desde o século IV que nos vem, do oriente cristão, a tradição do *Nome de Jesus* (Deus salva).

Aquele grito infantil venceu o propósito de encaminhar um septeto até ao Pão dos anjos, daqueles que o anseiam. O Luís é dos que diz: — *Quando é que eu posso comer desse Pão?*... Para que isso possa acontecer, exige-se (convida-se) também quem se disponha a começar a desvendar o segredo íntimo da pessoa humana: a relação com Deus — *Aquele que é!* Mesmo à míngua, diante de tão grande multidão, na boca daquela e de milhões de crianças está uma grande verdade. Será isto teologia infantil? Quem dera que se disponham valentes a ajudar nas horas das *sementeiras* até ao *milho das eiras*, pois do céu tem pingado quanto baste. Não se pode sufocar a Palavra, na aridez e aos filhos deste tempo. Ela liberta e dá frutos que permanecem para sempre. □

PENSAMENTO

A fé exclui sombras e dúvidas. É um acto simples da inteligência, por obra da Graça.

PAI AMÉRICO
in Doutrina, 2.º vol. p 159

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

Continuação da página 1

Os problemas avolumam-se. É o primeiro emprego, com aluguer de casa e aprendizagem de gerir o salário, tantas vezes insuficiente, sobretudo se continua a estudar à noite. É o querer noivar e ter de fazer o “lóbulo” sem ter com que satisfazer as exigências dos futuros sogros. É, enfim, o mundo sujo que há muito deixaram, onde agora vão enfrentar novos desafios. Os Rapazes não têm discernimento seguro para se agarrar à vida, quando já estão na idade de assumirem sozinhos o seu futuro. A sabedoria popular tem muita razão: *filhos criados, trabalhos dobrados*. Se no dia-a-dia levantamos as mãos confiantes para Deus, que não desampara quem põe n’Ele os seus olhos, que dizer dos Rapazes, senão como Pai Américo: «Senhor eles são mais teus do que meus!» A quem apoia as nossas mãos erguidas, toda a gratidão. □

SETÚBAL

Padre Acílio

Roni

É um rapazinho negro, muito sossegado e tranquilo, que transmite paz à sua volta.

É vendedor do Jornal na cidade, onde irradia admiração e afecto. Faz-me bem contemplá-lo na execução das suas obrigações, aqui em Casa: Silencioso, atento, diligente e eficaz.

Goza da afeição de todos, mas não sobe aos píncaros, fica sempre na sua humildade. Faz o que os outros deviam fazer e cala-se numa demonstração de grande riqueza interior.

As células do seu físico são ciclóidais e não circulares, como a normalidade, e isso traz-lhe muitos problemas de saúde, que temos ultrapassado com a ajuda do Hospital D. Estefânia, onde é atendido com redobrada atenção e carinho.

Frequenta o 7º ano da Escola D. João II, em Setúbal, onde me encontro, há dias, com o seu Director de turma.

O professor apresentou-me o aproveitamento do rapaz e, depois, fixando-me, disse: «*Sabe que o Roni foi destacado numa reunião geral de professores como um dos mais bem-comportados desta Escola e isso ficou exarado em acta?*»

Uma notícia destas não poderia ficar entre nós dois, sentados à mesa redonda, nem nas paredes da sala. Tinha de ir para o Jornal que ele vende e alegrar muitos milhares de pessoas.

Quando eu era da idade dele, os superiores apresentavam, como exemplo a imitar, S. Luís Gonzaga, o qual interrogado no recreio:

— *Se soubesses que irias morrer daqui a uma hora, que farias?*

— *Continuava a brincar* — respondeu o jovem.

É esta serenidade, esta paz e esta doçura que eu aprecio no Roni, quando o observo sem ele dar por isso.

Na minha longa carreira de educador e de padre da rua, tenho encontrado belíssimos Rapazes, mas, agora, vivo a impressão que o Roni ultrapassa todos!

Vaidade

É uma das deusas mais adoradas no nosso tempo. Pode definir-se como culto de **tudo o que nada vale**.

Os gregos e os latinos mostram-na como a homenagem à ilusão: — *Vaidade das vaidades, tudo é vaidade* — assinala o Livro Sagrado.

Não admira, pois, que na idade dos sonhos, os adolescentes e as crianças se deixem levar pela loucura infantil de apreciar a aparência das coisas, das pessoas e dos acontecimentos.

Com a destruição contínua dos valores da Humanidade, aumentada progressivamente por tantos agentes, não admira que a Juventude se agarre cada vez mais a estes fenómenos inúteis.

Os penteados, as roupas, os enfeites, os brincos, as tatuagens e todo o género de ornatos na boca, no nariz e, sobretudo, nas orelhas, não significam outra coisa senão demonstrações de vanglória.

Encontro jovens que não sei onde se poderão suspender mais outros adornos.

Em casa, os brincos e os *piercings* são proibidos. Continuamente ensino aos Rapazes que se podem manifestar por verdadeiros valores: *o trabalho, o estudo, a atenção, o respeito, a verdade, a dignidade, a honra e tantos outros que a própria maturidade crescente lhes irá indicando*. Apesar disso, há sempre um ou outro que não resiste à influência do meio e, quando visito as escolas, já tenho visto algum mais enfatuado com a bugiganga na orelha.

Há dias, encontrava-me dentro do carro, estacionado e encoberto por outros veículos, na *baixa* da Cidade e vejo aparecer, no passeio em frente, muito pavão, um dos mais afectados pela vaidade que já mais conheci aqui em Casa. O Rapaz parece ter dentro de si uma panela de bazófia sempre a ferver. Trazia, então, uns brincos amarelos muito compridos a caírem-lhe das orelhas. Todo ele, emproado, sedento de olhares alheios, parecia convencido ser a pessoa mais excelsa daquela tarde nas ruas da Cidade.

Quando o vi na minha frente, naquela bebedeira de jactância, instintivamente calquei a buzina do *Honda* e apitei estridentemente.

O moço, já nos seus dezanove anos, viu-me e, repentinamente, pôs as mãos às orelhas e descolou, com cada uma, o respectivo pendericalho.

Terá então dado pelo ridículo da sua figura? □

IRMÃ ELVIRA

Padre João

CARLOS e Nelson eram meninos do Bairro do Fim do Mundo, que a Irmã Elvira, em tempos, nos confiou. Eles e seus pais eram carinhosamente acompanhados pela solicitude pastoral e maternal desta religiosa salesiana, inspirada, sem dúvida, pelo testemunho de santidade e amor ao próximo de S. João Bosco e Maria Auxiliadora.

Foi no Centro Pastoral de Nossa Senhora de Fátima, em S. João do Estoril — um espaço “multiusos” e de aglutinação multirracial caldeado pelo amor emergente do Evangelho vivo de Cristo — que nos encontrámos e conhecemos. Os nomes dos Padres Carlos e Horácio eram-lhe familiares e protectores...

Ali pudemos observar o carisma

apostólico desta freira que, num “vai-e-vem”, sem “parança”, encontrava no serviço aos Pobres o seu ideal: eram as jovens mães e seus bebês, os jovens e crianças daquele bairro que ela nunca considerava problemático, como agora se diz, por encontrar nele o amor da sua vida: «Sentia a ternura de uma criança pobre; às vezes, com os pés cheios de areia e feridos, com o cabelo todo desalinhado e cheio de piolhos, mal alimentados e mal vestidos; mas, apesar de tudo, era para mim uma compensação, uma alegria muito grande» — disse numa entrevista, à Agência Ecclesia. Os velhos e doentes também nela encontravam apoio material e espiritual. A Irmã Elvira era mãe de todos e de todas as horas. Os

casos mais impressionantes lhe passavam pela mão e chegavam ao coração. Batia com frequência e persistência à porta dos poderes instituídos, câmara, junta de freguesia, paróquia; insistia e “batia o pé” em favor dos desprotegidos que acolhia e acompanhava neste centro pastoral. Tanto assim é que o Nelson e o Carlos ainda hoje — depois de regressados ao bairro — vivem numa casa que lhes pertence agora, graças à insistência e persistência da Irmã Elvira, junto das autoridades competentes. A Irmã não ficava descansada ao encontrar um abrigo para os desamparados mas pensava no seu futuro também.

Quando li esta notícia, na já referida Agência de informação da Igreja, rejubilei. Tinha

sabido do seu sofrimento por causa da transformação urbanística daquele bairro, que mexia com a implantação e arquitectura daquele espaço tão importante para si e para o seu trabalho. Verificámos que tudo se renovou para melhor serviço e dignificação dos mais carenciados e que a Irmã continua ali o seu trabalho meritório sob o olhar de Nossa Senhora dos Navegantes e não são poucos

e bem necessitados os que por ali vivem, alguns como no “alto-mar”, também e ainda sob o olhar materno da Irmã Elvira.

Vão dar o seu nome a uma rua daquele bairro. Coisa que para ela não importa. O que é importante é a marca maternal que fica para a eternidade nos corações feridos, que ela carinhosamente, no amor de Cristo, soube e continua a saber cuidar. □

BENGUELA

Padre Manuel António

Uma vida fecunda é uma vida feliz

UM desejo muito profundo deve queimar o vosso coração: Produzir abundantes frutos de boas obras. Onde está a raiz de tamanha felicidade? O amor verdadeiro é a base onde nasce a fecundidade da nossa existência. Uma vida fecunda é uma vida feliz. Não há verdadeira felicidade sem a realização pessoal que passa pela doação do que nós temos e somos. O egoísta, o indiferente à sorte dos outros, sobretudo os mais abandonados, não é uma pessoa verdadeiramente feliz. A alegria e a paz, duas irmãs gémeas, convivem num coração generoso. O sofrimento e a dor podem estar presentes, mas não roubam o espaço humano a estas irmãs gémeas. A experiência é o argumento seguro desta verdade.

Há dias, recebi a notícia da oferta duma esmola muito generosa, proveniente do coração duma senhora que ama muito os filhos da nossa Casa do Gaiato. Esta atitude é muito interessante. O gesto tem sido repetido, cada vez com mais generosidade. É uma prova insofismável do caminho da felicidade. Estas atitudes de amor geram confiança e alimentam a esperança. Quem dera os corações das pessoas e das empresas que se mantêm fechadas sobre si mesmas se abrissem a este caminho da realização pessoal e empresarial! Quanto mais ajudarem generosamente os

verdadeiros necessitados, mais segura estará a sua existência, pois não há alicerce mais sólido do que o amor autêntico. A salvação da sociedade, nas mais variadas dimensões, é fruto do amor verdadeiro. Não tenhamos dúvidas. Nos países chamados ricos, onde abundam a pobreza extrema e a miséria, falta-lhes a Justiça. A riqueza circula por canais muito fechados. A alma da Justiça é o Amor. Porque falta o Amor, a Justiça está morta e a injustiça prevalece.

Vamos abrir o nosso coração cheio de amor. Vamos partilhar na medida em que pudermos. Não ficaremos mais pobres, porque a verdadeira riqueza da pessoa está no seu coração generoso, cheio de amor. Dentro de poucos dias, vão nascer mais quatro filhinhos na família da nossa querida Casa do Gaiato. Já os vi no ventre onde vivem, neste momento: Abrigo dos Pequenininhos. São crianças abandonadas que, sem o amor dos nossos corações, seriam lixo humano. Irão ter o necessário para serem filhos com dignidade, na sociedade que os viu nascer. Muitos outros estão à espera. Vamos fazer tudo o que pudermos, sempre com a vossa ajuda, para salvarmos o maior número de filhos abandonados. Há pouco tempo, chegou mais uma criança. Tem 13 anos. Uma idade bastante avançada. Praticamente não tinha

ninguém para cuidar dela. A rua era a sua casa habitual. Não frequentava a escola. Enfim, um filho com a trajectória provável que o levaria à Penitenciária. A porta da marginalização estava aberta. Acolhemo-lo com a esperança de o salvarmos, ajudando-o a ser um homem. Este é o objectivo da Casa do Gaiato: Ajudar cada Rapaz a ser um homem. Quem dera o nosso Walter aproveite esta oportunidade preciosa!

Quando os vossos olhos pousarem nestas Notas, houve um acontecimento importante e muito querido na vida desta nossa Casa. Um grupo de Rapazes — que participaram no nascimento da querida Casa do Gaiato de Benguela, vindos da Casa do Gaiato de Portugal, juntamente comigo, há 50 anos, ainda crianças, agora Homens, residentes em Portugal — vieram celebrar este grande Aniversário. As esposas dalguns acompanharam-nos. Estiveram na nossa Casa do Gaiato de Malanje, pelo mesmo motivo, pois são duas Casas do Gaiato, irmãs gémeas. Fazem, pois, parte deste grupo os co-fundadores da Casa do Gaiato de Malanje e os da Casa do Gaiato de Benguela. Ao jeito duma grande família, os filhos residentes em Benguela acolheram-nos como irmãos mais velhos, muito queridos. Foi uma Festa grande, dos 50 anos, que os filhos quisessem fazer! □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

pequeninas ao colo. Estão sem trabalho. Ele era da construção civil e foi despedido sem direito a subsídio de desemprego. Refugiaram-se na casa dos sogros e estes foram aguentando até não poder. Agora, exigindo que eles abandonem a morada, os sogros foram-se à porta do quarto onde se acolheu o casal e partiram-na ao meio, dando-lhes um prazo de tempo curto, para deixarem a morada.

Eles, muito brancos, com as crianças na mesma, denunciam fome ou alimentação desequilibrada. Choram a desdita terrível de não terem trabalho nem comida nem roupa.

O coração empedernido, a que se refere o profeta, transformar-se-ia num coração de carne, isto é, um coração compadecido e generoso. Se tivesse ido ver, era impossível que não se deixasse tocar.

Não basta ter uma equipa que faz trabalho social. O Padre, precisa de ver e acompanhar na acção o quadro que o apoia neste apostolado social. Sim, digo bem, isto é um verdadeiro, um autêntico apostolado, com rendimento duplo: Atinge os Pobres e afecta o Padre. Este começa a ver o que não via e a ouvir o que nunca pensara entender.

Compreendo que há Paróquias pobres, mesmo muito deficitárias de recursos alimentares e económicos; mas, se o Padre for Pobre, a capacidade de arranjar meios aumentará; pois esta vem do Espírito de Deus e não dos homens.

Ele há tanta gente a viver bem à nossa volta!

Quando o Pároco é Prior e também o primeiro a servir-se, contraria, com o seu procedimento, todo o Evangelho, o qual manda dar a primazia, sempre, aos outros.

Se de facto assim vive, nunca conseguirá adquirir tal capacidade. É pena!...

O exemplo e a pregação do Papa Francisco vão nesta linha. Jesus nunca falou de outra maneira e o Padre Américo demonstrou, por

obras e acções, que a capacidade vem de Deus, através de um coração Pobre.

Encontro alguns miseráveis com coração de rico. Querem ser sempre os primeiros. Se puderem levar tudo para eles, não se importam que os outros fiquem sem nada.

Tenho também achado alguns ricos com um coração de Pobre. São estes que entendem a Palavra de Deus, acreditam na autenticidade da nossa pobreza e nos ajudam a sustentar.

Pela Pobreza vivida nos homens da Igreja, veríamos ruir as fortificações inexpugnáveis da indiferença, arrasar as trincheiras da incredulidade, estreitar a enorme distância entre ricos e pobres e criar, assim, uma era fraterna. □

DECLARAÇÃO DE IRS

Informamos os nossos Amigos e Leitores que já poderão assinalar na Declaração de IRS, no campo destinado à consignação de 0,5%, que o mesmo seja destinado à nossa Obra, que tem o número de contribuinte: 500 788 898.

Os Rapazes da Administração

VINDE VER!

Padre Quim

É Jubileu

Ano da Graça

NESTES dias, que são os primeiros do novo ano, a nossa Casa vive um verdadeiro ambiente de alegria, pois são as vésperas dos cinquenta anos desde que saiu do berço, para crescer nas terras do litoral sul de Angola e se instaurar como uma verdadeira Mãe dos filhos sem família desta querida pátria florescente. Apareceu pequena, como acontece com as grandes Obras, nas mãos de Deus. Um grupo de apenas onze rapazes e um sacerdote, como atletas de uma boa equipa de futebol seleccionados e apurados — partiram para a fase seguinte: e receberam o troféu de serem chamados *fundadores* da Obra, cujas raízes brotaram do coração de Pai Américo. Que pelos anos vividos em África, tinha um sonho, o mesmo realizado pelos seus continuadores, animados em plena comunhão com o auxílio do Alto, a contemplar seus filhos nesta data querida. E por se tratar de festa da Família, de ontem e de hoje, de dentro e de fora, vamos acolher o grupo de gaiatos mais velhos, que vem de Portugal, são da família. Por isso, entre as possibilidades de alojamento e comodidade, não fomos buscar solução lá fora. Os que são de Casa é nela que devem estar. A casa três de cima já está pronta e será o lugar onde estará a maior parte do grupo. Muitos deles, outrora numa viagem de vários dias, se vão recordar do «Rita Maria», o barco semi-cargueiro no qual viajaram durante catorze dias. Hoje, nos bancos confortáveis do avião, estarão de regresso em pouco menos de oito horas de voo. A evolução tecnológica faz parte desta história. Em Benguela, mesmo antes de chegarmos ao Jubileu, os nossos amigos, que nos visitam, deixavam-nos arrepiados quando nos pediam a história da Casa do Gaiato de Benguela. As fontes orais estão vivas e são memoráveis. Falta fazer passar da palavra oral à palavra escrita. Da memória, ao papel. Seguindo, rigorosamente, o princípio de que as palavras voam e os escritos permanecem.

Têm sido dias muito apertados, cheios de tarefas, ora por concluir ora por começar, é o nosso vai-vem, desde o amanhecer ao adormecer. Com os rapazes de férias escolares, é saudável um programa de actividades, para os ajudar e orientar, evitando a dispersão, que é sempre perniciososa. Não falta ocupação salutar para quem quer que seja que venha a nossa Casa. Conforme as capacidades, o Rapaz recebe o equivalente para pôr a render suas potencialidades. Ao que se corresponde com sã doutrina: *Um dia de trabalho é merecedor de uma noite serena de descanso. Que ninguém o atormente, a mesa e a cama, depois do dever cumprido, lhe são um direito.*

Já andámos metade do caminho, este sonho há-de ser, em breve, uma realidade, descobrimos a fonte de quanto se pode beber abundantemente: O GAIATO. Desde a preparação, às vésperas da partida e aos nossos dias. Ao dar a volta ao que o tempo encerrou nas estantes e amarelou com a poeira da areia do cavaco, encontro testemunho de muitos corações generosos, que tornaram possíveis os primeiros passos da Casa do Gaiato em Angola. Numa altura em que faltava quase tudo, à semelhança de qualquer família, para se manter de pé. E, ainda mais, o grande número dos seus membros. Deus soube providenciar e continua a fazê-lo hoje, também. A generosidade é o alicerce para manter as obras de solidariedade. Por isso, não vos assusteis se virdes o Padre da Rua a bater às portas das Instituições. Está na sua missão: — Pedir para dar a quem não tem. Dando ao garoto assistência e educação. Continuamos a trabalhar para o progresso social da Nação. □

MALANJE

Padre Rafael

Continuação da página 1

ele foi necessária uma semana e várias viagens a Luanda por causa dos materiais. Também superámos a fuga de ar do camião-grua. Por outro lado, aparecem avarias novas, como a do disco de embraiagem do camião azul. Assim é a nossa vida e o nosso dia-a-dia, quando se trata de levar por diante uma família tão grande.

Com a chegada do Padre Telmo, chegaram-nos alguns donativos de amigos e colaboradores da Obra. E uma vez mais, o Padre Baptista não se esqueceu da sua família de Malanje. A todos, os nossos agradecimentos e as nossas orações.

Estamos no princípio do ano e vamos receber novos gaiatos. Outros, despedem-se para continuar os seus estudos; outros ainda, para encontrar trabalho; e alguns tiveram de abandonar a nossa Casa devido ao seu comportamento. Esperamos que todos sigam em frente e consigam superar as adversidades do dia-a-dia. Escolher, está em nossas mãos... □

